

# Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2022: memorando

Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2022: memo

João Caninas, Mário Monteiro, Isabel Gaspar, António Sequeira,  
Francisco Henriques, Paulo Félix, Anabela Joaquineto, Joaquim Maças, Nuno Félix,  
Carlos Neto de Carvalho, Hugo Pires, Paula Bivar de Sousa, Luis Bravo Pereira  
e Alexandre Lima



## Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) em 2022: memorando

### Archaeological Field Camp of Proença-a-Nova 2022: memo

**João Caninas** (diretor do CAPN, AEAT), **João Caninas** e **Mário Monteiro** (diretores de escavações, AEAT), **Isabel Gaspar** e **António Sequeira** (coordenação de atividades, Câmara Municipal de Proença-a-Nova), **Francisco Henriques**, **Paulo Félix**, **Anabela Joaquineto**, **Joaquim Maças**, **Nuno Félix** (arqueólogos, AEAT), **Carlos Neto de Carvalho** (geólogo, Geoparque Naturtejo Mundial da UNESCO), **Hugo Pires** (topógrafo), **Paula Bivar de Sousa** (desenho arqueológico), **Luis Bravo Pereira** (produção vídeo) e **Alexandre Lima** (divulgação, EMERITA)

**Palavras-chave.** Campo arqueológico, Megalitismo, Arqueologia Militar, Proença-a-Nova

**Keywords.** Archaeological field camp, Megalithism, Military Archeology, Proença-a-Nova

**Resumo.** Neste relatório documentam-se as ações do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) durante o ano de 2022. Neste período foram executadas intervenções em dois sítios arqueológicos, uma sepultura megalítica e uma estrutura militar. Foi apresentada uma exposição retrospectiva de dez anos de trabalhos arqueológicos, documentados em reportagem vídeo.

**Abstract.** This report documents the actions of the Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) in 2022. During this period, archaeological interventions were carried out in two archaeological sites, a megalithic tomb and a military structure. A retrospective exhibition of ten years of archaeological work was presented, documented in a video report.



## Introdução

O Campo Arqueológico de Proença-a-Nova (CAPN) tem-se baseado na realização de trabalhos de campo de escavação arqueológica em diferentes sítios do território municipal, de diferentes tipologias e épocas.

Em 2022 o CAPN foi concebido com um programa idêntico ao do ano anterior, consistindo em três diferentes campanhas de escavação; numa estrutura militar, a bateria das Batarías, sobre a Ponte do Alvito, num templo cristão, a Igreja Velha do Peral, e numa sepultura megalítica, a anta e mamoa da Moita da Galinha.

A escavação da bateria, agendada para o período de 3 a 17 de julho, coincidiu com uma onda de calor, razão pela qual foi interrompida no dia 11 de julho, por decisão governamental que proibiu a permanência e circulação em espaços florestais. Os



Utilizaram-se os meios de divulgação habituais, nomeadamente a página de *Archaeological Field Camps Portugal* em <http://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt/index.html>, tendo como referência o cartaz canónico do CAPN.

O grupo de participantes (tabela seguinte) integrou alunos de universidades portuguesas, com prioridade para as que mantêm protocolos com o CAPN, nomeadamente a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), a Universidade de Évora (UE) e a Universidade Autónoma de Lisboa (UAL). Estes participantes receberam certificados de participação e fizeram uma avaliação do CAPN.

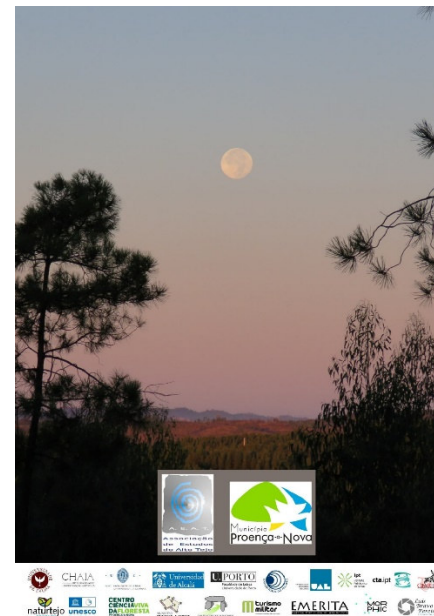
Participante	Entidade de origem	Formação
Daniel Correia Madeira	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (2º ano)
José Piteira Vinagre	UE	Licenciatura de Arqueologia (3º ano)
Inês Silva Guedes	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (3º ano)
Carla Castro	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (2º ano)
José Cruz	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (3º ano)
Maria Índia	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (2º ano)
Giulia Monjardim	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (2º ano)
Ana Calzavara	FLUP	Licenciatura de Arqueologia (1º ano)
Cristiana Moita	FLUC	Licenciatura de Arqueologia (2º ano)
Rafael Matos	UE	Licenciatura de Arqueologia (3º ano)
Fernanda Silva dos Santos	UAL	Licenciatura de História (2º ano)
Fábio Nascimento	FLUC	Licenciatura de Arqueologia (1º ano)
David Vilar da Costa	FLUC	Licenciatura de Arqueologia (3º ano)

Os participantes receberam um *Guia de Campanha* (figuras seguintes) com toda a informação útil para a sua plena participação no programa da campanha. O município ofereceu a cada participante um kit com mochila, chapéu de pano e t-shirt (figura seguinte).



**Índice**

- Introdução
- Promotores
  - Município de Proença-a-Nova
  - Mapa do concelho de Proença-a-Nova
  - Planta da vila de Proença-a-Nova
  - Associação de Estudos do Alto Tejo
- Parcelos e Projetos
- Programa da campanha
- Equipa
- Participantes
- Regulamento
- Guia sumário de escavação
- Plano de trabalhos de Antropologia
- Escavações arqueológicas
  - Bateria das Batarias 2
  - Igreja Velha do Peral
  - Anta da Moita da Galinha
- Outras atividades
  - Exposição 10 anos de CAPN
  - Conferências
- Avaliação do CAPN
- Sítios a visitar
- Normas de higiene e segurança
- Contactos úteis





## Campo 1. Escavação arqueológica da Bateria das Batarias 1 (Mário Monteiro)

Os trabalhos foram dirigidos pelo arqueólogo Mário Monteiro e executados com a colaboração dos arqueólogos Joaquim Maças e Nuno Félix, cuja participação foi gentilmente proporcionada pelas suas entidades patronais, respetivamente, o Município de Alcobaça e o Município de Castelo de Vide. Participaram como voluntários Ana Clara Martins Calzavara, Carla Alexandra da Silva Castro, Daniel Correia Madeira, Giulia Monjardim, Inês da Silva Guedes, José Cruz, Maria Índia Marques, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e José Manuel Piteira Vinagre, da Universidade de Évora. O desenho de campo foi executado por Paula Sousa e a topografia por Hugo Pires. A desmatização e limpeza do terreno estiveram a cargo de equipa da Câmara Municipal de Proença-a-Nova.

Embora agendada para 3 a 17 de julho, a campanha de 2022 foi atingida por condições climáticas muito desfavoráveis. Primeiro, a onda de calor que impôs a proibição de permanência em espaços florestais com interrupção dos trabalhos no dia 11 de julho. No reagendamento da campanha em setembro, as fortes chuvadas que impediram os trabalhos durante 3 dias e deixaram a área de escavação cheia de água e lama.

Todavia, os objetivos traçados foram atingidos quase na íntegra, graças à forte vontade e esforço da excelente equipa que neste ano aqui trabalhou, tanto dos arqueólogos colaboradores como dos participantes.

Depois da remoção de vegetação fez-se a remarcação da quadriculagem da área de escavação, com uma malha de 5m de lado, discriminada por uma grelha alfanumérica de A a R e de 1 a 14, atribuída desde a primeira campanha de escavação. Para diferenciar e facilitar os registos esta área foi subdividida em três sectores, o Sector Sul (SS) o Sector Centro (SC) e o Sector Norte (SN).

A campanha de 2022 tinha como objetivos a escavação nos setores SC e SS do seguinte modo: 1.º finalizar a escavação da U.E. [01], correspondente à camada

humosa superficial, nos setores SS do terraplano (B no levantamento topográfico); 2.º identificar o acesso original de ligação entre o Forte das Baterias I e a Bateria das Baterias I (C no levantamento topográfico); 3.º definir a área das canhoneiras no terraplano (A no levantamento topográfico); 4.º esclarecer a finalidade de três cavidades em forma de meio círculo, identificadas na parte superior da bateria, mediante a escavação de uma dessas cavidades.

O primeiro objetivo foi realizado na íntegra. A execução do segundo objetivo permitiu delimitar a área do acesso, a partir da bateria, em local onde foi cortado o afloramento, formando degraus para segurar o enchimento que deveria formar uma rampa. No que concerne ao terceiro o trabalho incidiu unicamente na canhoneira central, não se tendo realizado qualquer trabalho na que fica a Sul desta. O quarto objetivo não foi executado.

No Setor Centro (figura seguinte), entre o talude aberto na rocha e as estruturas que constituem a bateria, a área do terraplano foi escavada até ao geológico, ficando no terreno apenas cepos de grandes medronheiros, que terão de ser cortados com meios que os removam sem originar covas abertas pela remoção das raízes. Verificou-se que, ao longo das estruturas, o piso deveria estar nivelado com argila batida (amarelada), restando vestígios deste a preencher as irregularidades da rocha. Todavia, presume-se que o piso batido poderia ter uma espessura considerável, atingindo cerca de 10cm, como se constatou sob os blocos que delimitam uma estrutura subcircular. Sendo esta a área para onde converge a drenagem de toda a bateria, é muito provável que este piso tenha sido removido pela força das águas pluviais, estando preservado apenas sob a estrutura que ali foi construída.

A referida estrutura subcircular foi construída encostada à rampa que dá acesso ao muro interno, restando dela apenas a primeira fiada de pedra. A avaliar pelos blocos que se encontravam tombados no exterior e interior da estrutura, deveria ter, pelo menos, mais uma fiada de pedra sobre a que ficou preservada. Tem uma entrada virada para Sul, onde está a canhoneira, podendo ter servido como abrigo da

guarnição militar que ali se encontrava ou como depósito para munições, em prontidão para serem utilizadas na boca de fogo.



Em continuidade com o identificado na primeira sondagem realizada em 2015-16, a rampa do lado sul está delimitada por grandes blocos e preenchida por pedra e argila batida, estando mal preservada apenas no encosto ao muro interno, na parte interna da canhoneira. No lado Norte, onde se encontra a estrutura anteriormente referida, a rampa não possui grandes blocos a delimitá-la, mas tem no interior um muro, possivelmente para consolidar o enchimento e na face virada para a o interior da canhoneira destacam-se blocos alongados, na diagonal, dispostos em paralelo e com sedimento batido a preencher esse espaço. A rampa também se encontra mal preservada no encosto ao muro interno, na parte interna da canhoneira.

Na canhoneira, espaço onde ficava uma boca de fogo (um canhão), identificaram-se dois momentos construtivos na estrutura de posicionamento da peça, tal como no Forte das Baterias I. Em 1762 foi montado um estrado em madeira para elevar o

canhão, restando deste os negativos onde encaixavam os barrotes que o sustentavam. Em 1801 existia uma rampa que permitia posicionar o canhão com a boca mais elevada, de modo a fazer tiro em ângulo.

Mantiveram-se ambas as estruturas preservadas, tendo-se destruído apenas o início da rampa para dar maior visibilidade aos negativos da primeira fase. Estes negativos encontravam-se preenchidos com argila batida e alguma pedra, sendo mais abundante a pedra e maior a sua dimensão na aproximação ao início da rampa.

Constatou-se também que na primeira fase a canhoneira era mais larga, o que é identificável pela posição do estrado, que ficou desalinhado em relação à abertura para a boca do canhão, e pelo acrescento de um troço na parede interna, inicialmente tido como estando em mau estado, o que claramente o diferencia. Na segunda fase as peças de artilharia utilizadas já não necessitariam de um espaço tão amplo, pelo que foi reduzido e a rampa da canhoneira construída entre as rampas (mais altas) que davam acesso às posições de tiro para a infantaria que ali estaria posicionada.

Na parte inferior da rampa da canhoneira e no lado norte desta, o sedimento encontra-se enegrecido e tem abundantes carvões, havendo lateralmente o que foi interpretado como uma fogueira estruturada com blocos. Esta mancha enegrecida estava principalmente do meio da rampa para Norte, pelo que deverá estar relacionada com o local onde a guarnição militar se abrigava dos ventos dominantes, os vindos de Norte, fazendo aqui fogueiras para se aquecerem e cozinharem. Tal hipótese coaduna-se com os vestígios de fogueiras identificadas no Forte das Baterias I, em local protegido da nortada.

Dentro da canhoneira a parede interna está bastante destruída e o topo da rampa para a boca de fogo é constituída por um caos de blocos e argila que parecem resultar de uma destruição do espaço, talvez para retirar pedra. Encontra-se aqui o centro da bateria, fazendo a parede interna um ângulo com cerca de 120°, onde se iniciam os muros que se desenvolvem para Norte e para Sul. Sobre a parede interna foi colocada argila bem depurada, que foi nivelada e batida, possivelmente estando

húmida, dada a elevada dureza que tem. A argila batida está delimitada no exterior por um espesso muro em pedra, que daria consistência à parte superior da canhoneira, ou seja, a boca da canhoneira (estrutura análoga às identificadas no Forte das Baterias I). Toda a parte exterior da canhoneira se encontra em muito mau estado, por ser por aqui que são escoadas as águas pluviais, abrindo regueiros que têm vindo a destruir as estruturas que, eventualmente, existiriam nas cotas inferiores.



Como usualmente aludimos, a bateria foi certamente afetada pela remoção de pedra, possivelmente também de terras, para a construção dos socalcos agrícolas, o que poderá ter causado destruições parciais, dando origem a interpretações pouco desenvolvidas e mal esclarecidas ou mesmo incorretas.

Na zona intermédia do Setor Sul (figura anterior) foi removida toda a camada superficial, de solo, e limpa a superfície da rampa que se desenvolve ao longo do muro interno da bateria. Não se detetaram novas estruturas ou disposições

singulares. Na extremidade do Setor Sul (figura seguinte) foi removida toda a camada de enchimento do socalco agrícola, o que terá originado a destruição das estruturas (pedra e argila) que constituíam o acesso de ligação entre o forte e a bateria. Deveria ser uma rampa, de modo a permitir o transporte de todo o armamento e logística de e para a bateria. Nesta área verificou-se que o sedimento preenche apenas o traçado por onde seria a suposta rampa, mantendo-se a envolvente na rocha, sem quaisquer vestígios de aplanamento. Neste traçado a rocha foi talhada, deixando um escadeado que, tal como foi identificado no talude da bateria, serviria para segurar o enchimento e nivelamento da rampa, provavelmente com sedimento batido.



Lateralmente ao espaço ocupado pela rampa, identificou-se uma pequena estrutura em pedra que poderá corresponder a um buraco de poste, possivelmente para elevar uma cobertura para um soldado que estivesse de vela ao acesso e/ou, porventura, de vigia à estrada real, que daqui seria visível até grande distância.

Entre os escassos materiais recolhidos destaca-se um numisma datado de 1765, uma pequena pedra de jogo subcircular e chata, talhada em xisto, possivelmente para jogar ao chinquillo, e um fragmento de bordo de faiança com decoração em azul e vinoso, produzida entre os séculos XVII-XVIII. A origem da cerâmica utilitária (louça fosca vermelha) exumada na escavação arqueológica é de difícil associação a um determinado momento da ocupação do espaço. Trata-se na maioria de fragmentos de painéis ou de contentores de água (bilhas, jarros ou cântaros), mas os fragmentos recolhidos até à data são de pequena dimensão e não permitem identificar uma tipologia cuja produção se sabe ter ocorrido em determinado período. Assim, estes materiais podem estar relacionados com a ocupação da bateria ou com a ocupação agrícola (socalcos para plantação de oliveiras) que ali ocorreu posteriormente.

Em 2023 pretende-se finalizar a escavação no Setor Sul; escavar em profundidade entre o Setor Centro e o Setor Sul.

## **Campo 2. Escavação arqueológica da mamoa da Moita da Galinha (João Caninas)**

Os trabalhos foram dirigidos pelo arqueólogo João Caninas e executados com a colaboração dos arqueólogos Anabela Joaquinito e Mário Monteiro. Participaram na escavação como voluntários Cristiana Moita, Fábio Nascimento e Davide Vilar da Costa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Rafael Matos, da Universidade de Évora e Fernanda Silva dos Santos, da Universidade Autónoma de Lisboa, no âmbito dos protocolos de colaboração estabelecidos com aquelas universidades. O geólogo Carlos Neto de Carvalho, do Geoparque Naturtejo, fez uma avaliação litológica desta estrutura.



O desenho de campo foi executado por Paula Sousa e a topografia por Hugo Pires. Paula Sousa também elaborou aguarelas alusivas ao monumento e seu enquadramento paisagístico (imagem seguinte). Esta segunda campanha anual decorreu de 29 de agosto a 10 de setembro, sem constrangimentos climáticos.



A sepultura megalítica da Moita da Galinha foi descoberta pelos arqueólogos alemães Georg e Vera Leisner às 12h35 do dia 31 de agosto de 1945 e reconhecida nos anos 90 por Francisco Henriques e João Caninas. Aquando da descoberta, este monumento foi documentado em planta e fotografia. A fotografia documenta ampla vista panorâmica para norte do sítio com um uso agrícola extensivo, escassa arborização e um mosaico de terrenos lavrados alternando com pousios ou cultivos. Extraordinário é o facto da planta que nos legaram, com a posição dos diversos esteios da estrutura funerária, corresponder à situação que fomos encontrar no início da escavação, ou seja, sem afetações significativas mais de 75 anos após a sua descoberta. As afetações entretanto ocorridas correspondem ao rasgamento de

parte do setor norte da mamoa com a instalação de eucaliptal e com a passagem de um caminho de cumeada sobre o lado sul da mamoa, com um rebaixamento parcial da sua massa. A estrutura funerária de pedras (blocos de metagrauvaques) postas a pino (a chamada anta) sobreviveu por se encontrar alinhada com a linha de cumeada e limite de propriedade, sobre a qual se instalou o caminho. Apesar da intensa lavoura destes terrenos no séc. XX e do posterior uso florestal, os proprietários tiveram o cuidado de preservar este antigo monumento, de mais de 5000 anos.



O nome local, ou topónimo, que reporta a esta sepultura megalítica é Moita da Galinha e como temos advogado, a palavra *moita* é sinónimo de *mota* ou de *mamo*a que é o montículo, de argila e pedras, em forma de calote, que envolve a estrutura funerária (anta) situada no seu interior, e que se destinava a conferir-lhe estatuto de cripta, ou compartimento oculto, e longa duração, ou eternidade. Ao contrário das

restantes *moitas* de Proença-a-Nova, que estão associadas a locais habitados, esta moita parece reportar-se direta e exclusivamente à sepultura megalítica.

Atendendo às suas características estruturais e intrínsecas, admite-se que, no contexto dos rituais funerários pré-históricos, esta anta tenha estado associada funcionalmente às vizinhas antas do Cão do Ribeiro, do Cimo do Vale de Alvito, do Cabeço da Anta e do Espinho Pequeno, formando um conjunto de uso simultâneo, mesmo que parcialmente, no qual o Cabeço da Anta teria desempenhado um papel central, específico, como templo funerário, pelo menos numa fase final da sua utilização.



Os trabalhos arqueológicos em 2022 tal como em 2021 incidiram numa área de 40m<sup>2</sup> nos quadrantes nordeste e sudeste do monumento e, em 2022, ainda numa sanja radial a oeste da câmara até ao limite da mamoa. Tal como noutros monumentos do

mesmo tipo, os trabalhos arqueológicos têm-se focado em três objetivos principais, ou sejam, (1) caracterizar a arquitetura, as fases, os tempos e os rituais funerários de cada monumento, (2) executar uma reconstrução parcial do conjunto anta e mamoa, tornando-o mais inteligível para o público interessado, com colocação de próteses dos esteios desaparecidos, com aumento do volume da mesma e preservação do montículo residual e (3) adotar medidas de salvaguarda contra riscos e danos futuros, involuntários, com o apoio dos proprietários, a exemplo do que se fez em Cão do Ribeiro, qualificando a sua inserção no percurso pedestre municipal denominado História na Paisagem.

No início dos trabalhos de escavação, em 2021, eram patentes diversos tipos de danos. Em primeiro lugar, os esteios do lado oriental da câmara funerária com estavam muito inclinados para oeste, em direção ao esteio de cabeceira, e parecia ter havido arranque de esteio ou esteios no lado norte da câmara. A estrutura de acesso canónico à câmara não era plenamente visível, embora estivesse indiciada. Como já referido a mamoa terá sofrido, em momentos mais recentes, uma afetação da sua estrutura e volume no lado norte, devido a instalação do eucaliptal, e no lado sul, devido à instalação do caminho.

Os trabalhos de escavação foram direcionados prioritariamente para a identificação da posição original dos esteios da câmara, no lado norte, e na identificação do traçado rigoroso do corredor. Sem essa identificação não será possível passar ao objetivo seguinte de reconstrução parcial do monumento. Trata-se de um trabalho moroso e um objetivo ainda não atingido, no fim destas duas pequenas campanhas, tendo em conta que foram relativamente curtos os tempos de escavação efetiva, descontados os tempos de preparação e fecho de escavação, totalizando 196 dias x arqueólogos em dois anos (2021 e 2022).

No decurso destas duas campanhas foram postos à vista dois esteios muito tombados para o interior da câmara, no lado norte, que estavam ocultos por argila, e os alinhamentos do corredor. Foram ainda recolhidos artefactos líticos e cerâmicos comuns neste tipo de sepultura, como os que se apresentaram na Exposição *10 Anos*

de *Campo Arqueológico de Proença-a-Nova*. Caso interessante foi a identificação de depósitos de pedras e de artefactos no interior da massa de argila da mamoa, sugerindo comportamentos rituais no decurso da construção desta.



De acordo com uma avaliação preliminar executada pelo geólogo Carlos Neto de Carvalho, os materiais líticos, utilizados na construção deste monumento, são provenientes do leito da ribeira de São Gens, nomeadamente grandes blocos rolados, e de afloramentos existentes no cabeço em cujo topo a sepultura foi instalada. Não se identificaram materiais de origens distantes, como no caso documentado no Cabeço da Anta, de um bloco de quartzito com origem a cerca de 11km de distância.

**ICANOS**  
Campo Arqueológico de Proença-a-Nova

# Exposição

## 10 Anos de Campo Arqueológico de Proença-a-Nova

### 2012-2022

**Posto de Turismo**  
**Rua de Santa Cruz com a Rua do Rossio,  
em Proença-a-Nova**

**8 de julho a 10 de setembro de 2022**

Município de Proença-a-Nova  
Instituto Arqueológico Field & Camps Portugal  
MESOPOTAMOS  
LDTM

exposição

# 10 ANOS

## CAMPO ARQUEOLÓGICO E ARQUEOLOGIA NO CONCELHO DE PROENÇA-A-NOVA

8 DE JULHO  
A 15 DE SETEMBRO

CAMPO ARQUEOLÓGICO DE PROENÇA-A-NOVA 2022

Município de Proença-a-Nova  
Instituto Arqueológico Field & Camps Portugal  
MESOPOTAMOS  
LDTM

## Exposição

De 8 de julho a 28 de setembro de 2022, em complemento do programa do CAPN, esteve patente no posto de turismo de Proença-a-Nova, uma exposição retrospectiva dos *10 Anos do Campo Arqueológico de Proença-a-Nova*. A informação principal consistiu em oito cartazes, com um primeiro de abertura e ficha técnica, seguindo-se outro de enquadramento do património geológico e outro do património arqueológico do município. No cartaz seguinte caracterizou-se o Campo Arqueológico de Proença-a-Nova. Os quatro últimos cartazes foram dedicados aos principais conjuntos de sítios arqueológicos, por afinidade tipológica e cronológica, que foram objeto de investigação até ao presente, nomeadamente, as sepulturas megalíticas (um cartaz), os povoados muralhados (um cartaz), a igreja Velha do Peral (um cartaz) e finalmente as estruturas militares da chamada Linha Defensiva das Talhadas-Moradal (um cartaz).

Este acervo foi complementado, no interior daquele espaço, por sete vitrines com materiais arqueológicos alusivos aqueles quatro tipos de sítios arqueológicos, além de outras peças, e no exterior, por uma exposição relativa à Linha Defensiva das Talhadas Moradal, que tem estado patente em espaço museológico na Sobreira Formosa. O acervo documental incluiu muitos outros meios como vídeos, cartografia, aguarelas, uma maquete do forte das Batarías, camisolas do CAPN e um manequim com farda militar juntamente com uma peça de artilharia, cedidos gentilmente pelo Município de Almeida.

Foi testemunhado nesta exposição que até 2021 foram intervencionados dez sítios arqueológicos de diferentes tipos e épocas, em 25 diferentes campanhas anuais, nomeadamente, um abrigo rupestre (Dobra da Albarda), quatro antas (Cão do Ribeiro, Cimo do Vale de Alvito, Cabeço da Anta e Moita da Galinha), dois sítios muralhados (Chão de Galego e Castelo do Chão do Trigo), uma ermida (Igreja Velha do Peral), um forte e uma bateria militar (Batarías – Ponte do Alvito). Devem acrescentar-se os levantamentos gráficos executados em três abrigos com pinturas pré-históricas (Almourão 1 e 2, Buraca da Moura) e numa rocha gravada (Pedras das

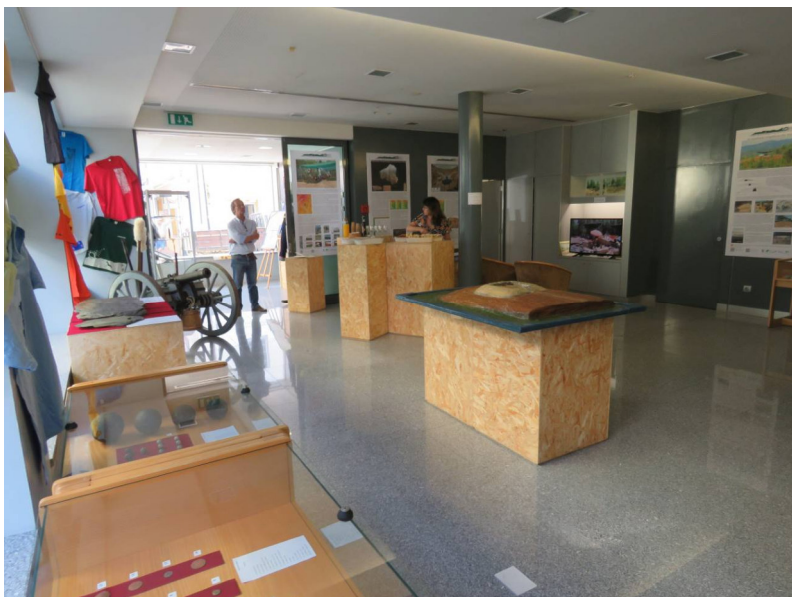
Letras). Estas ações têm sido enquadradas nos projetos Mesopotamos (Povoamento do 5º ao 1º milénio AC entre o Tejo e o Zêzere na atual Beira Baixa) e LTDM (Linha Defensiva das Talhadas Moradal).



O CAPN tem conciliado a investigação e a inovação metodológica com a formação de novas gerações de arqueólogos, configurando-se também como campo-escola. O programa do CAPN além da ação principal de escavação de sítios tem incluído outras ações, formativas ou de divulgação, como campanhas de prospeção de campo, oficinas, 58 conferências, seis colóquios, com 46 conferencistas, dois congressos internacionais, com destaque para *As Linhas Defensivas entre o Século XVII e Napoleão* (2017) e *Tumuli and Megaliths in Eurasia* (2021), com 155 intervenientes, duas exposições, a edição de um livro (Proença-a-Nova: Arqueologia e Património Construído), inúmeras publicações externas e atividades didáticas e de lazer (visitas de estudo e jantares convívio em aldeias). Até 2021, participaram 195 voluntários de 20 países (Alemanha, Brasil, Canadá, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estados Unidos da América, França, Irão, Itália, México, Moldova,

Portugal, Reino Unido, República Checa, República Popular da China, Federação Russa, Sérvia, Turquia e Ucrânia).

O catálogo da exposição e a reportagem vídeo, realizada por Luis Bravo Pereira, estão disponíveis na página <https://archaeologicalfieldcamps-portugal.pt/>



## Conferências

As conferências programadas para esta campanha tiveram um objetivo e um público-alvo diferente de edições anteriores. O objetivo foi partilhar os resultados dos trabalhos executados em diferentes sítios arqueológicos do município, nomeadamente as antas, os povoados muralhados, a estruturas militares e a Igreja Velha do Peral. O público-alvo, prioritário, foram as comunidades locais mais próximas de cada um desses sítios, nomeadamente Moitas, Chão de Galego, São Pedro de Esteval, Montes da Senhora e Pedra do Altar.

Devido a constrangimentos diversos realizaram-se apenas duas das cinco conferências programadas (imagem seguinte), que estiveram a cargo da equipa do CAPN.



## Investigação no âmbito da LDTM

Em 2022 deu-se início a dois projetos de investigação no âmbito da Linha Defensiva das Talhadas-Moradal (LDTM). Ambos têm como objetivo a pesquisa documental entre 1761 e 1814, em arquivos onde se possam obter fontes que proporcionem novos dados para escrever a História da LDTM, pretendendo-se assim cruzar as informações obtidas pela Arqueologia e a História.

O primeiro em colaboração com a Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), é um ambicioso projeto a quatro anos, de consulta no Arquivo Histórico Militar, a cargo de Luísa Sequeira, aluna de segundo ano de História na UAL, com o objetivo de produzir tese de mestrado, sendo orientador o professor Adolfo Silveira (UAL) e co-orientadores o arqueólogo Mário Monteiro (CAPN) e o professor Telmo Pereira (UAL). O segundo em colaboração com a Câmara Municipal de Proença-a-Nova, está a ser executado pela arquivista Sandra Ribeiro e pela arquiteta paisagista Isabel Gaspar, tendo como objetivo a consulta de fontes em arquivos distritais.

**Anexo fotográfico** (jantar na aldeia da Figueira e visita à arte rupestre do Tejo com deslocação de barco a partir do Porto do Tejo, em Vila Velha de Ródão)

